

Educação para os novos tempos

Education for the new times

Educación antes de los nuevos tiempos

Elias Boaventura

RESUMO

Neste texto, o autor se propõe a examinar se a educação pode ser útil no combate à violência onde quer que ela se manifeste. O autor entende que a educação, como ministrada atualmente, é adequada a este combate e sugere a examinar a possibilidade de uma mudança de paradigma e uma revisão do pensamento que leve à prática da educação complexa, baseada na Teoria da Complexidade.

Palavras-chave: Violência; complexidade; educação.

ABSTRACT

In this paper the author proposes to examine whether education can be helpful in combating violence wherever it manifests. The author dismisses the education, as currently conducted, as suited to this purpose and suggests examining the possibility of a paradigm change and a revision of the thought that leads to the practice of the complex education, based on Complexity Theory.

Keywords: Violence; complexity; education.

RESUMEN

En este artículo el autor se propone examinar si la educación puede ser útil en la lucha contra la violencia donde quiera que se manifieste. El autor rechaza la educación, ya que actualmente administra, en su caso para esta pelea, y sugirió estudiar la posibilidad de un cambio de paradigma y una revisión del pensamiento que lleva a la práctica compleja de la educación, basado en Teoría de la Complejidad.

Palabra clave: Violencia; complejidad; educación.

Introdução

Em outro texto, intitulado “Violência, uma visão complexa”¹ trabalhamos com algumas premissas que embasam também este artigo e que rapidamente aqui esboçamos:

-
- Violência não pode ser tratada com os olhos voltados apenas para o sujeito e o sítio onde ela se manifesta.
- As origens da violência encontram-se fincadas muito além de onde comumente a detectamos como, por exemplo, na família.
- Devemos estar atentos, inicialmente, para o caráter instável de nosso próprio planeta que, agônico, se revela agressivo contra os seres vivos que o ocupam.

¹ No prelo.

-
- Esta condição planetária contamina o ser humano, o coloca em situação de espreita e divide homens e mulheres em seres expansivos ou agressivos e em outros acuados e defensivos.
- Ambos os grupos vivem necessariamente uma perspectiva de morte sempre ameaçadora e presente.
- Diante deste quadro de ameaça de instabilidade, a questão que se levanta é: há uma saída para que se consiga viver com algum sentido, mesmo admitindo que somos seres para a morte?
- Descartamos como resposta a proposta de fuga, que só vislumbra a solução com a saída para outra dimensão, que não se sabe qual é e como seria, o que justificaria a afirmação de que aqui vivemos o evangelho da perdição, “a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão” (SCHOPENHAUER, 1959, p. 7)

Com este caráter instável e agressivo, o Planeta penetra nos homens e mulheres, que passam a ser hospedeiros da violência. Queremos examinar a possibilidade de se trabalhar o ser humano e prepará-lo para uma vida que tenha sentido, mesmo que se admita um mundo que traga a violência na sua própria estrutura.

Neste artigo, nos propomos a trabalhar a hipótese de ver na educação formal, como prática da instituição escolar, um instrumento que nos permita dialogar com essa violência natural e perceber que posturas teríamos que assumir, como educadores, para ajudar na amenização do problema. Até este momento, a educação formal tem sido altamente seletiva, extremamente agressiva, incentivadora da exclusão e da competitividade desigual, bem como embasada em um tipo de conhecimento pretensioso, autoritário, que imagina ser possível equacionar a questão, tentando desprezar o erro e dispensar tratamento de ordenamento artificial à realidade, o qual acaba por ser retilíneo e mutilador.

Infelizmente, a visão mutiladora e unidimensional paga-se cruelmente nos fenômenos humanos: a mutilação corta a carne, deita sangue, espalha o sofrimento. (MORIN, s/d, p. 19).

Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr ordem nos fenômenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambiguidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar... (MORIN, s/d, p. 20).

A violência, suas manifestações e a educação

Seria enfadonho insistir que o mundo vive um momento tomado por extrema violência e sem nenhum sinal de saída. A violência aparece de

modo contundente, em primeiro lugar, na acelerada destruição do planeta, mediante a qual vêm ocorrendo vários fenômenos:

- Várias áreas incendiadas em todos os continentes como nunca antes aconteceu.
- Grandes tempestades e inundações destruidoras, a exemplo do Paquistão e da China , sem precedentes.
- Ao mesmo tempo, se vê crescer a desertificação e o número de regiões avassaladas por secas intermináveis.
- Destruição acelerada de áreas florestais como acontece no Amazonas, na África e em muitas outras regiões, com consequências danosas para o meio ambiente, incluindo a acelerada extinção de espécies.

Além disto, nunca ocorreram tantos tornados e furacões como nos últimos tempos. Esta violência tem levado autores a se referirem à Terra como “planeta agônico”, no qual, cada vez mais, se fazem visíveis os sinais de morte e o homem existe como um ser acuado, que se torna predador violento, causador e vítima da morte. Este estado de espírito tem se revelado de vários modos, para os quais as mediações não têm alcançado êxito, tais como:

- a existência de conflitos nacionais em vários continentes, que se transformam em guerras.
- a acirrada luta pelo poder, nos mais altos escalões do Estado, na qual os atores insistem em lançar mãos de iniciativas agressivas sórdidas e corruptas.

Contudo, é no interior da família que vêm ocorrendo as mais estranhas e detestáveis manifestações de violência, atingindo mais frequentemente a mulher e as crianças. Mas sua explicação não se encontra aí. Talvez porque é nela que ocorra o mais forte espaço de aproximação dos conflitos vividos e reais. Enfim, a manifestação geral de violência, além dos fatores mencionados, também nos parece ser fruto da má-distribuição das riquezas uma vez que o desregramento da economia gera crises que enchem as burras de alguns e violentam milhares que, atingidos pela fome, prosseguem trôpegos. As razões da violência que assolam a família não podem, portanto, ser encontradas nela e explicadas por eventuais limitações, mas em sítios distantes, onde deixam suas raízes mais profundas. Querer explicar a brutalidade existente como defeito de caráter, maldade imanente ou, simplesmente, como as falhas da família constitui simplificação eivada de crueldade, que pouco ajuda a solucionar a situação.

Considerar a educação formal, praticada em diferentes níveis, como instrumento de ajuda à difícil tarefa de combater a violência pode ser positivo. O que se pergunta, entretanto, é: qual seria a educação necessária para se obter êxito neste aspecto? Certamente não é esta que estamos praticando – competitiva, baseada no sistema de trocas, que já traz em si a violência embutida contra os menos dotados, que são aqueles que mais precisam. Esta educação é baseada em um conhecimento que não se conhece, parcelado, retilíneo, mutilador e que, a rigor, só se preocupa com os melhores. Wagner Rossi, referindo-se à educação que atualmente se pratica na escola brasileira, esclarece:

A um nível individual, o trabalhador é levado a acreditar que a escola é a via do seu acesso às classes dominantes. Essa crença pressupõe que ele tenha aceito os valores veiculados e disseminados na sociedade capitalista, através de todos os meios disponíveis: a escola, os meios de comunicação de massa, as artes, etc. O trabalhador que é levado a querer “subir”, já aceitou implicitamente a “competitividade” essencial do sistema. Competirá com os companheiros de trabalho, para ele transfigurados em rivais. Aceitou também a meritocracia que garante a vitória, a ascensão dos mais capazes, numa triagem “justa”. E mais que isso, predispõe-se a aceitar as condições existenciais desumanas a que são condenadas as classes trabalhadoras como resultado da própria incapacidade (e ignorância) destas. Submete-se à hegemonia da classe capitalista cujos pontos de vista endossa, muitas vezes tentando identificar-se com aqueles que o convencem da própria incapacidade, inferioridade e ignomínia (ROSSI, 1943, p. 28-29).

O que repassam as agências de educação?

- Fazem crer que a escola é via de acesso.
- Incentivam a adesão a valores do sistema de troca, como a competitividade, que reduz o companheiro de trabalho a rival.
- Reduzem os fracassos dos trabalhadores à incompetência pessoal, com fortes reflexos na autoestima.

Como pode se perceber nas análises de Rossi, a educação escolar atual traz em si instrumentos da violência. Ele prossegue, referindo-se ao modelo educacional vigente: “Não é, afinal, na educação que se encontrará a solução para os problemas da desigualdade e miséria, cuja solução não se poderá obter sem se alterar a distribuição da riqueza e da renda, pela alteração das relações sociais de produção” (ROSSI, 1943, p.37). E, ainda: “Nos tempos históricos mais afastados, a dominação era exercida, de modo mais aberto, pela predominância física ou militar do

dominante sobre o dominado que, vencido em combate, era reduzido à coisa de propriedade do vencedor, através da escravidão” (ROSSI, 1943, p. 39). Desses comentários se pode concluir que a educação formal atual, como ministrada, estimula a dominação dos mais fortes sobre os mais fracos e os conduz à “violência justa”, que, por vezes, explode de modo equivocado na família e na sociedade, como reação à discriminação.

Pierre Bordieu, examinando a situação na França (que, em muitos aspectos, pode ser universalizada), faz uma afirmação interessante, referindo-se aos “excluídos do interior”:

Se, até fins da década de 50, a grande clivagem se fazia entre, de um lado, os escolarizados, e, de outro, os excluídos da escola, hoje em dia ela opera, de modo bem menos simples, através de uma segregação interna ao sistema educacional que separa os educandos segundo o itinerário escolar, o tipo de estudos, o estabelecimento de ensino, a sala de aula, as opções curriculares. Exclusão “branda”, “contínua”, “insensível”, “despercebida”. A escola segue, pois, excluindo, mas hoje ela o faz de modo bem mais dissimulado, conservando em seu interior os excluídos, postergando sua eliminação, e reservando a eles os setores escolares mais desvalorizados (BOURDIEU, 1998, p. 13).

Em outro texto, diz o mesmo autor:

É provável, por um efeito de inércia cultural, que continuemos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 1998, p.41).

Desta forma, os autores apontam que a educação escolar, incentivadora do individualismo, constitui um dos instrumentos produtores de violência por ser discriminatória e cruelmente seletiva, dispensando tratamento igual a pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades e, por isto, são diferentes. Não pretendemos analisar as teorias de Bourdieu, mas aqui o invocamos no sentido de esclarecer nossa afirmação de que a educação que praticamos, por trazer em si mesma as marcas da violência, não é aquela de que precisamos.

Insistimos, portanto, em admitir que a educação tenha papel importante no combate à violência, mas o que desejamos continuar indagando é: que tipo de educação precisamos para alcançar este fim, uma vez que, aparentemente, as manifestações de violência que tudo atingiram?

Na educação atual formal praticada entre nós, não se vê sinais de solidariedade entre homens e mulheres. Se a examinarmos mais de perto, veremos que ela tenta simplificar o complexo sem levar em conta o tecido que envolve o ser humano; trata-o de modo coercitivo e agressivo, fazendo dele um ser predisposto à violência para vencer a condição de acuado e discriminado em que é colocado. Todo desvio educacional e seu consequente fracasso estão ligados profundamente à natureza do conhecimento com que se trabalha, mais do que a qualquer outra insuficiência, como a falta de planejamento, de recursos financeiros ou de quadros preparados. Vamos, para entender a questão, examinar o pensamento de Morin, um dos brilhantes articuladores da teoria da complexidade, muito requisitado pela Unesco para auxiliar na reflexão sobre a educação do futuro.

Em primeiro lugar, a constatação do crescimento da ignorância que avança junto com o conhecimento e que este não consegue deter

... por toda a parte, o erro, a ignorância, a cegueira progridem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos. Existe uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência; existe uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão. As ameaças mais graves em que a Humanidade incorre estão ligadas ao progresso cego e descontrolado do conhecimento... (MORIN, s/d, p. 13 e 14).

E ele acrescenta: “Ignorâncias, cegueiras, perigos têm um caráter comum que resulta de um modo mutilador de organização do conhecimento, incapaz de reconhecer e aprender a complexidade do real” (MORIN, s/d, p.14). Portanto, não se trata apenas de conhecer mais, de dominar mais contundentemente o processo, mas de conhecer melhor o sentido de ser, adquirir uma maior sensibilidade para a apreensão do sentido da vida.

Que características possui esse conhecimento que criticamos? Em princípio, destacamos seu caráter cartesiano, que quer tratar a realidade de modo separado e mutilador.

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. (MORIN, 2000, p. 43).

Este princípio disjuntivo, que examina tudo de modo isolado, separa o sujeito do objeto e as disciplinas afins entre si. No problema em questão, este princípio quer tratar a violência na família como se aquela se originasse e terminasse nesta. Esse mesmo princípio de disjunção, que almeja

ver na natureza uma ordem que não é dela, que não quer ver o todo na parte e esta no todo, que é simplificador e mutilador do real, precisa ser substituído para superar a educação que contribui como trincheira da violência neste mal-estar que, se percebe, avança em todas as direções.

...existe hoje uma sensação vaga, mas generalizada, de que a violência se instalou na vida social do país, atingindo até a intimidade dos espaços reservados à vida privada, isso revela que a sociedade, enquanto ordenamento social e legal, está sendo corroída na sua base, o que constitui um problema social sério (SANTOS, 2002, p. XV).

Percebe-se o equívoco da disjunção na dificuldade de convívio entre as diversas ciências na própria universidade, como se fossem compartimentos estanques, independentes e isolados. Esse princípio de parcelamento e disjunção do saber também não consegue tratar a escola, a família, a igreja como instituições que se complementam, especialmente no ato de educar.

Em “Cabeça Bem-Feita”, Morin diz:

Todas as consequências saíam da conscientização de que a História não obedece a processos deterministas, não está sujeita a uma inevitável lógica técnico-econômica, ou orientada para um progresso imprescindível. A História está sujeita a acidentes, perturbações e, às vezes, terríveis destruições de populações ou civilizações em massa. Não existem “leis” da História, mas um diálogo caótico, aleatório e incerto, entre determinações e forças de desordem, e um movimento, às vezes rotativo, entre o econômico, o sociológico, o técnico, o mitológico, o imaginário. Não há mais progresso prometido; em contrapartida, podem advir progressos, mas devem ser incessantemente reconstruídos. Nenhum progresso é conquistado para todo o sempre. (MORIN, 2000, p. 42).

Ensinar a incerteza e tentar preparar o ser humano para conviver com ela, evitando assim as frustrações desestabilizantes da falsa certeza, que produzem violência, constituem o papel da nova educação, que se pretende libertadora:

Grande conquista da inteligência seria poder, enfim, se libertar da ilusão de prever o destino humano. O futuro permanece aberto e imprevisível. (MORIN, 2000, p.79)

O devenir é doravante problematizado e o será para sempre. O futuro chama-se incerteza. (MORIN, 2000, p.81).

O conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma,

permanentemente, o risco de ilusão e de erro. Uma vez mais repetimos: o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas. (MORIN, 2000, p. 86).

A tomada de consciência de que as incertezas do viver não representam fruto de erro e de incapacidade de gerenciar bem o próprio ser, mas se encontram na própria estrutura do universo, parece-nos antídoto forte para auxiliar uma melhor compreensão de eventuais fracassos.

Por fim, convém anotar:

É nossa constante desgraça e também é nossa graça e nosso privilégio: tudo que há de precioso na terra é frágil, raro e destinado a futuro incerto. O mesmo acontece com a nossa consciência. Assim, quando conservamos e descobrimos novos arquipélagos de certezas, devemos saber que navegamos em um oceano de incertezas. Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza. (MORIN, 2000, p.59).

A educação que pretenda ser uma alavanca a favor do combate à violência, além de evitar o parcelamento do conhecimento, deve também propor o convívio com a incerteza como fenômeno próprio da vida, presente na própria estrutura do universo. O convívio com a incerteza como parte da existência em hipótese alguma significa resignação diante dos acontecimentos, mas sim, encarar com melhor compreensão o incerto, o imprevisível e o acaso, presentes na complexidade do real.

De fato, “a cosmologia moderna mostra que o mundo não tem fundamento: ele saiu do ‘vazio’. Nosso mundo é um mundo onde existem a imprevisibilidade e a desordem, ou seja, o incerto” (MORIN, 2000, p.163). Imprevisibilidade e desordem não podem ser descartadas nos currículos de uma educação que se pretende libertadora. A vida real é um oceano de incerteza, complexo, um tecido e só pode ser entendida no seu conjunto.

A educação para a superação da violência

A partir deste ponto, propomo-nos a examinar a possibilidade de ver a educação contribuindo para solução da violência onde quer que ela esteja, por meio de uma postura dialogal com a desordem, partindo do pressuposto que ordem e desordem não podem ser tratadas separadamente, porque ao mesmo tempo em que se opõem, se complementam. Se quisermos, de fato, buscar uma solução para o problema, não podemos ser disjuntivos, tratar a ordem como o bem posto e a desordem como mal inevitável, que se deve abandonar. A desordem se manifesta na própria estrutura do universo que ora se desintegra, ora se expande, ora explode.

Os ventos, a morte de estrelas e tantas outras manifestações de desordem revelam esse caráter instável do universo.

Nosso universo é catastrófico desde o início. Desde a deflagração formidável que o fez nascer, ele é dominado pelas forças de deslocamentos, de desintegrações, de colisões, de explosões e de destruição. É constituído no e pelo genocídio da antimatéria pela matéria, e sua aventura aterradora prossegue nas devastações, nos massacres e nas dilapidações singulares. A saída é impiedosa. Tudo morrerá (MORIN, 1997, p.271).

Nosso planeta Terra, ora agônico, é originado também de uma desintegração de movimentos desorganizadores e imprevisíveis.

Nossa crosta viveu e continua a viver uma aventura prodigiosa, feita de movimentos dissociativos, reassociativos, verticais horizontais, de derivas, encontros, choques (tremores de terra), curtos circuitos (erupções vulcânicas), quedas catastróficas de grandes meteoritos, glaciações e aquecimentos (MORIN, 1995, p.50).

O autor radicaliza um pouco mais e indaga:

– o que é desordem? – estão as agitações, dispersões, colisões, ligadas ao fenômeno calorífico; estão também as irregularidades e as instabilidades; os desvios que aparecem num processo, que o perturbam e transformam; os choques, os encontros aleatórios, os acontecimentos, os acidentes; as desorganizações; as desintegrações; em termos de linguagem informacional, os ruídos, os erros (MORIN, 1996, p. 199).

Do que temos até aqui trabalhado, fica difícil admitir a existência de um universo sempre regular, cumulativo e contínuo que não dá lugar para o imprevisível e para o incerto.

Pode-se dizer também que a desordem invadiu o universo; é certo que a desordem não substituiu totalmente a ordem no universo, mas já não existe nenhum setor em que não haja desordem (MORIN, 1966, p. 200).

Desordem semelhante se percebe na organização da vida humana que, açoitada por forças imprevisíveis, corre perigo de ficar sem sentido e vazia. A prática revela que, em relação ao social, o tratamento de punição como solução para o problema do desvio, da desordem e da agressividade não funciona, por ser ele mesmo portador de violência. A educação para os novos tempos tem que levar em conta de modo não

disjuntivo este dado: a desordem vem ganhando espaço e não pode ser desconsiderada. Atentemos para esta afirmação:

Em outras palavras, a desordem pouco perceptível no nível planetário traduz-se por efeitos absolutamente maciços que transformam o ambiente e as condições de vida, e afetam todos os seres vivos; de fato, a ideia de desordem é não só ineliminável do universo, mas também necessária para concebê-lo em sua natureza e evolução. (MORIN, 1966, p. 200).

Nesse contexto, vale a pena analisar o poema de Chico Buarque de Holanda para compreender melhor o problema ordem-desordem.

O que será que será...
Que andam suspirando pelas alcovas?
Que andam sussurrando em versos e trovas?
Que andam combinando no breu das tocas?
Que anda nas cabeças, anda nas bocas?
Que andam acendendo velas nos becos?
Que estão falando alto pelos botecos?
Que gritam nos mercados, que com certeza
Está na natureza?
Será que será
O que não tem certeza nem nunca terá?
O que não tem tamanho?

O que será que será
Que vive nas ideias desses amantes?
Que cantam os poetas mais delirantes?
Que juram os profetas embriagados?
Que está na romaria dos mutilados?
Que está na fantasia dos infelizes?
Que está no dia-a-dia das meretrizes?
No plano dos bandidos, dos desvalidos?
Em todos os sentidos, será que será
O que não tem decência nem nunca terá?
O que não tem censura nem nunca terá?
O que não faz sentido?

O que será que será
Que todos os avisos não vão evitar?
Porque todos os risos vão desafiar?
Porque todos os sinos irão repicar?

Porque todos os hinos irão consagrar?
E todos os meninos vão desembestar?
E todos os destinos irão se encontrar?
E o mesmo Padre Eterno que nunca foi lá
Olhando aquele inferno, vai abençoar
O que não tem governo nem nunca terá
O que não tem vergonha nem nunca terá
O que não tem juízo.

Devemos notar, em primeiro lugar, a existência de uma “ordem” autoritária que quer inibir a “desordem”, mas não consegue. A desordem, inicialmente, apenas suspira e sussurra. Ganha as cabeças e as bocas. Passa a uma contundência maior acendendo velas, falando alto nos bote-cos e gritando. O poeta prossegue afirmando que seu avanço ocorre por estar na ordem natural, embora não disponha de nenhuma certeza. Quem são os sujeitos desse avanço? Os filhos da desordem: poetas delirantes, profetas embriagados ou mutilados, infelizes, meretrizes, bandidos e desvalidos. Para a ordem estabelecida esta ação subversiva não admite censura, não tem decência e nunca terá.

Continua o poeta a afirmar que esta “desordem” com a qual a ordem não dialoga ganha uma força que resiste aos avisos que a não poderão evitar, faz movimentar os hinos, os risos e desembestar as crianças. Como avanço desta luta, os destinos vão se encontrar, o Padre Eterno vai abençoar o inferno que, embora não tenha vergonha nem governo, tem sentido e abre espaço para o diálogo ordem-desordem, violentos-violentados. Alguns analistas detectam fenômeno semelhante entre nós.

Há um projeto que indevidamente vamos chamar de *projeto lumpensinato*, mas que talvez melhor fosse considerado como projeto dos marginalizados e dos desvalidos. Nesse projeto, andam todos aqueles que, de algum modo, foram lesados em sua possibilidade de prosseguir, foram roubados enquanto trabalhadores, desrespeitados em sua dignidade e que em função desses fatores perderam o sentido da vida. Violentados tornaram-se violentos até em relação àqueles que deveriam amar. Contra esse exército de estropiados, a prática da punição não resolve, até porque os repressores não conseguem ficar imunes à contaminação da dor do oprimido e não possuindo a sua força de resistência, desestruturam-se e passam a ter comportamentos fortemente geradores de mais violência. A benção do Padre Eterno, pela nossa leitura, representa o início do diálogo ordem-desordem e sem nenhuma imposição, porque a desordem, força inovadora, certamente continuará não tendo governo, vergonha ou juízo.

Agarrar-se a estes fundamentos mencionados e preservados nas circunstâncias seria simplesmente transformar-se numa ordem injusta; de fato, uma verdadeira desordem, e abandonar a marcha do exército dos

estropiados que lutam contra as forças aviltantes sem nenhuma certeza, mas na esperança de um dia serem abençoados. Neste momento, estamos tentados a afirmar que desconhecer a força da desordem e tentar prosseguir em um esforço de construir sem ela, constitui imprudência, não funciona e acarretará maiores danos ainda. A punição da desordem – em si mesma violenta – como método para equacionar o problema não só não faz sentido como o agrava. A tomada de consciência deste fato pode ser vista na cidade do Rio de Janeiro, onde a desordem resistiu, deteve o processo de repressão e avança sobre ele, como se pode perceber nas constatações que seguem:

- A morte violenta vem aumentando significativamente.
- A criação de pelotões especializados como o COBE não se tem mostrado eficaz, pois são hospedeiros de uma ação violenta.

De fato, a romaria dos mutilados, em função da necessidade de viver com dignidade, está descendo os morros, ocupando espaços, aumentando sua força, como resposta à agressão que sofre no mundo do trabalho, na discriminação educacional, na falta de moradia e até na fome aviltante que os dizima. Se a repressão continuar, não haverá penitenciária e prisões de todos os tipos suficientes. Por força da demanda, os presídios encontram-se superlotados e a voz oprimida já passa pelas grades e desestabiliza as forças que a querem desconhecer e isolar; como acontece com o PCC.

Neste momento já aparece uma luz no fim do túnel com a criação da Polícia Pacificadora em muitas favelas cariocas e o crescimento de ações de educação popular, a partir deles e para eles. É estimulante a afirmação de um favelado: “Agora sentimos que o policial é um dos nossos e que se encontra aqui para nos ajudar e não nos reprimir”. Encontra-se ainda muito distante a solução do problema, mas já é um bom início do diálogo desordem-ordem.

Considerações finais

Constata-se que há um acelerado aumento da violência que se expande e penetra na igreja, escola e família e as perturba. Está pressuposto que a simples repressão não detém tal violência e até a amplia. Neste artigo, buscamos responder à questão: Pode a educação formal atual, como praticada no Brasil, contribuir para a solução deste problema?

Considerando que não se trata apenas de um problema educacional, embora ele esteja presente, a resposta à questão seria negativa. Por quê? Porque, de fato, ver e tratar a realidade com uma visão disjuntiva é não entendê-la, agredi-la e concorrer para o aumento da violência.

Esse conhecimento também simplificador desconhece a natureza do real, “destrói” os conjuntos e só chega à “inteligência cega”.

... esta nova, maciça e prodigiosa ignorância, é ela mesma ignorada pelos sábios. Estes, que não dominam, praticamente, as consequências das suas descobertas, também não controlam intelectualmente o sentido e a natureza da sua pesquisa (MORIN, s/d., p. 18).

A educação atual oferece certezas e promessas que não são cumpridas e, por isto, gera frustrações e agressividade. Esta educação não ensina o convívio com a incerteza, é mutiladora e torna-se, ela mesma, violenta e violentadora, sem possibilidade de auxiliar no combate à violência.

Por fim, a educação atual, com base em um conhecimento simplificador e disjuntivo, não dá conta de resolver o conflito ordem-desordem, que não pode ser tratado com uma visão compartimentada. O que a ordem e desordem podem representar para o combate à violência só ganha sentido quando encaradas juntas e como parte do real, porque “a desordem e a ordem crescem uma e outra no seio de uma organização que se complexificou” (MORIN, s/d., p. 92). Se esta educação não resolve, existe uma que pode ajudar? Estamos certos que sim. A Educação Complexa é uma das possibilidades.

Bibliografia

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. *Meus Demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.

_____. *O Método – 1. A Natureza da Natureza*. 3. ed. Publicações Europa-América, 1997b.

_____. *Cabeça Bem-Feita*; repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez/Brasília: Unesco, 2000.

_____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

ROSSI, Wagner G. *Capitalismo e Educação*. 2. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1982.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. *Sinais dos Tempos*: marcas da violência na escola. Campinas: Autores Associados, 2002 (Coleção Educação Contemporânea).

SCHOPENHAUER, Arthur. *Dores do Mundo*. A metafísica do amor, a morte, a arte, a moral, o homem e a sociedade. 3. ed. São Paulo: Brasil Editora S.A., 1959.